

## Os desafios da maternidade no contexto da pandemia de Covid- 19 numa perspectiva pedagógica

*The challenges of motherhood in the context of the pandemic of Covid- 19 from a pedagogical perspective*

Oscarina Santana de Oliveira<sup>1</sup>

Deusimar Soares Paiva<sup>2</sup>

Submetido em: 30/06/2022

Aprovado em: 30/06/2022

Publicado em: 01/07/2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.325

### RESUMO

O estudo traz experiências vivenciadas no contexto família e escola, frente aos desafios e as possibilidades de melhorias no ensino aprendizagem na modalidade com o ensino remoto, numa realidade imposta pela crise sanitária da pandemia de COVID-19. A introdução contempla o desdobramento das observações gerais e os desafios das mães em assumirem várias funções simultaneamente, como o labor doméstico, a educação dos filhos através do ensino remoto e ainda exercer um trabalho formal. O primeiro tópico traz relatos de mães, ocorridos em uma escola pública, do interior do Ceará, presenciados pela autora deste trabalho, professora na referida escola. As mães falaram sobre suas angústias com a educação dos filhos. As queixas predominantes são sobre o comportamento dos filhos, quando elas têm que ensinar as atividades escolares. Pode-se notar que as mães se angustiam muito por não dominarem as habilidades necessárias ao ensino. Porém, apresentam comportamentos inadequados, muitas vezes, surgidos por ausência de diálogos e a imposição de limites, quando necessário. A partir desses relatos, refletimos sobre habilidades sociais educativas e a importância destas habilidades na formação dos educadores, buscando entender as cobranças que as mães passaram a receber sobre a educação formal dos filhos no contexto da pandemia. Por fim, discutimos o papel da escola e as profissionais da Educação em promover a aprendizagem, visando possibilidades em amenizar os impactos emocionais sofridos pelas mães, professoras e alunos.

**Palavras-chave:** Educação. Pandemia. Relação Família-Escola.

### ABSTRACT

The study brings experiences experienced in the family and school context, in the face of the challenges and possibilities of improvements in teaching learning in the modality with remote education, in a reality imposed by the health crisis of the COVID-19 pandemic. The introduction contemplates the unfolding of the general observations and the challenges of mothers in assuming various functions simultaneously, such as domestic work, the education of children through remote education and still perform formal work. The first topic contains reports of mothers, which occurred in a public school in the interior of Ceará, witnessed by the author of this paper, a teacher in the said school. The mothers talked about their anguish with the education of their children. The predominant complaints are about the behavior of children when they must teach school activities. It can be noted that mothers are very distressed by not mastering the skills necessary for teaching. However, they present inappropriate behaviors, often arising from the absence of dialogues and the imposition of limits, when necessary. From these reports, we reflect on educational social skills and the importance of these skills in the education of educators, seeking to understand the charges that mothers began to receive on the formal education of their children in the context of the pandemic. Finally, we discuss the role of the school and education professionals in promoting learning, aiming at possibilities in softening the emotional impacts suffered by mothers, teachers, and students.

**Keywords:** Education. Pandemic. Family-School Relationship.

1 Graduada em Pedagogia, pós graduada em psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú Sobral- CE, graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão, Sobral –CE. E-mail:oscarinasantana@yahoo.com.br

2 Graduada em Pedagogia, Pós- graduada em Metodologia de Trabalho Científico pela Universidade Estadual vale do Acaraú - UVA – Sobral CE. Bacharelada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão FLF-Sobral CE E-mail: deusimar.paiva18@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um ensaio reflexivo sobre os processos de ensino e aprendizagem envolvendo as instituições família e escola frente ao contexto da pandemia, trazendo reflexões sobre as questões vivenciadas por mães, professoras e alunos do Ensino Fundamental, que enfrentam diante da modalidade de ensino remoto, ocorridos numa escola pública de ensino fundamental na cidade de Catunda-CE.

Esta pesquisadora que escreve esta pesquisa é professora na referida escola e irei discutir a partir do que observei e vivenciei ao longo do ano de 2020, ano em que disparou no mundo a pandemia de COVID-19, que forçou praticamente todas as cidades do planeta a adotarem medidas de isolamento social.

Tais medidas impactaram sobre a forma como as escolas vinham funcionando, fazendo com que pais e professores buscassem maneiras de ainda oferecer às crianças, atividades pedagógicas, porém em um formato de aulas remotas, o que foi e vem sendo ainda um grande desafio para todos, tanto pais, mães, professores e alunos.

Assim, a partir das experiências relatadas pelas mães em meu trabalho como professora do ensino fundamental ao longo do ano de 2020, iremos refletir acerca das atribuições que as mães enfrentam em assumir várias funções simultaneamente, que conseqüentemente vêm acarretando insatisfações com a modalidade de ensino remoto, e irei discutir sobre possíveis prejuízos na saúde mental da mãe e de seu(s) filho(s).

Considerando a gravidade epidêmica da COVID-19 que estamos vivenciando atualmente, é fundamental que nós educadores, compreendamos as razões que levam a mãe a encontrar tantas dificuldades em ajudar seus filhos com as atividades escolares. Importante lembrar que, ainda, esta função de cuidar e educar vem sendo atribuída muito mais à mãe do que ao pai.

Com isso, questionamos qual a função do pai na participação ativa da educação dos filhos, se a mãe já está sobrecarregada de outros afazeres, como o labor doméstico e, muitas vezes somado a este, o trabalho em um emprego; o que configura uma tripla jornada de trabalho. Somada a esta tripla jornada ainda há a cobrança por fazer as atividades escolares com seus filhos, temos, portanto, uma jornada quádrupla, insustentável. Como bem observa a filósofa Márcia Tiburi:

Mesmo quando tiver um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de um modo geral, não fazem o serviço da casa. Acumularão o trabalho remunerado com o não remunerado. Terceiras e, até mesmo, quartas jornadas [...] nunca remuneradas farão das mulheres escravas do lar com pouco ou nenhum tempo para desenvolverem outros aspectos da própria vida (TIBURI, 2018, p.14-15).

Conforme pudemos observar com as mães da escola onde trabalho, houve muitos relatos de que elas tinham que se dedicar com os afazeres de casa e a educação dos filhos, e era visível em suas expressões um desgaste emocional, fadiga, estresse, algumas com sentimento de culpa e outras com sentimento de indignação. Ou seja, ao escutá-las nas reuniões de pais e professores, notávamos que elas vivenciavam uma situação já de estresse crônico, pois além da jornada dupla (labor doméstico e trabalho formal), algumas delas com uma jornada tripla (labor doméstico, trabalho formal e cuidados dos filhos), além disso, agora precisar ajudar com as atividades escolares dos filhos, o que era ainda mais agravado com as mães que tinham dois ou mais filhos (as).

Considerando esse contexto, esperamos que este estudo possa sensibilizar os leitores com reflexões empáticas, principalmente à escola em cobrar maior comprometimento dos pais e mães na condução das atividades pedagógicas no contexto atual de pandemia. Esperamos conseguir refletir sobre propostas colaborativas entre escola e família, até que a necessidade de isolamento social imposta pela pandemia seja sanada e o cotidiano escolar volte às aulas presenciais.

2

## 2 REFLEXÕES SOBRE A INTERAÇÃO DA FAMÍLIA E A ADESÃO DO ENSINO REMOTO COM SEUS FILHOS

O processo de socialização da criança, quando não se trata de criança institucionalizada como em orfanatos, em

grande parte, advém do convívio com seus pais, e posteriormente, do convívio com outras crianças e professoras na escola. Como Silva (2000) aponta:

A forma como os pais interagem e educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como inadequados, os quais são entendidos como “déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência” (SILVA, 2000, p. 1).

Segundo Silva (2000), nessa interação entre pais e filhos, podem ser construídos comportamentos socialmente adequados, mas há possibilidades de desvio de condutas, que muitos excedem na relação, prejudicando assim, o convívio social. Nesse sentido, torna-se difícil para uma mãe orientar adequadamente o comportamento dos filhos, sem a existência de ações mais flexíveis, ou seja, relaxamento em impor limites na tomada de decisões, ou muitas vezes tomar decisões coercitivamente (com base em ameaças, castigos ou até agressão física).

De acordo com Del Prette e Del Prette (1999), há uma relação que precisamos observar entre as práticas educativas dos pais e o comportamento social dos filhos. Bolsoni- Silva, Silveira e Ribeiro (2008) chamam a atenção para casos de problemas de comportamento da criança, observando que a família estimula estes comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança. Os pais tendem a ser não contingentes no uso de reforço positivo para comportamentos pró-sociais (ignorando-os ou respondendo de forma inapropriada) e empregam frequentemente punições para comportamentos que divergem do esperado pelos costumes da família.

A família é o principal meio de socialização por introduzir crenças, cultura e modos de pensar, construindo sujeitos e cidadãos. É nela que ocorrem as primeiras relações e identificações com figuras importantes e, portanto, onde se produzem os primeiros comportamentos da criança (Amazonas, Damasceno, Terto, & Silva, 2003; Gomide, 2004; Kreppner, 2000). (ROHENKOHL; CASTRO, 2012, p. 439)

Em nossa experiência como professora do ensino fundamental, numa escola pública do interior do Ceará, ao longo do ano de 2020, ao nos comunicarmos com as mães em isolamento social, por meio dos aplicativos de celular de comunicação à distância, presenciamos constantemente através de áudios, uma série de queixas relatadas pelas mães, que estão vivenciando uma experiência nova e desafiadora, por não terem o manejo de conduzir o ensino dos filhos. Muitas diziam, e de fato reclamavam, como não conseguiam ensinar as atividades dos filhos, como encontravam muitas dificuldades com a modalidade do ensino remoto, como não sabiam como fazer com que seu filho (a) se concentrasse nas tarefas passadas por nós professoras, nem como fazer com que eles prestassem atenção nas aulas remotas. Muitas diziam que acabavam brigando com seus filhos, tentando obrigá-los a fazer as atividades e a ficarem olhando para a tela do celular ou do computador quando era o horário da aula.

Essa situação relatada pelas mães é delicada e merece atenção, pois, Rohenkohl e Castro (2012) apontam que, geralmente, no contexto escolar, o comportamento externalizante é mais facilmente identificado, provavelmente por ter maior visibilidade e interferir na dinâmica da sala de aula. “Dessa forma, a escola passa a ser um espaço importante de prevenção, tendo o professor o papel fundamental de identificar os alunos com dificuldades e, assim, de possibilitar-lhes o desenvolvimento de habilidades sociais e relacionais (Ferriolli, Marturano, Puntel, 2007).” (ROHENKOHL; CASTRO, 2012, p. 441).

3

Nesse sentido, a escola faz um diferencial na vida escolar das crianças, dotada de habilidades específicas em identificar as dificuldades de aprendizagem, tornando assim mais viável fazer a intervenção de forma satisfatória e promovendo mais estímulo à aprendizagem. Conforme Rohenkohl e Castro (2012)

...entre as possíveis causas de problemas emocionais e de comportamento em crianças pré-escolares, estão fatores familiares, separações, doenças psiquiátricas em um dos cônjuges, tamanho e agressões dentro da família, dificuldade dos pais em estabelecer limites, acontecimentos importantes na vida da criança, negligência, comunicação e sintonia entre pais e filhos, entre outros (ROHENKOHL; CASTRO, 2012, p. 440).

De acordo com Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), as emoções que a pessoa sente não são determinantes totais de como ela irá agir em uma situação, mas pode-se dizer que alteram a probabilidade de como ela irá agir. Por exemplo, uma pessoa sentindo raiva devido a algum acontecimento sofrido, não necessariamente irá bater em alguém, mas irá ter maior chance de agir agressivamente. Assim, compreende-se que quando os pais estão irritados e nervosos por alguma situação conflituosa na família ou no trabalho, há maior probabilidade de eles brigarem ou até baterem nos filhos apenas por um pequeno comportamento inadequado da criança. Neste caso, a punição corporal caracteriza-se como falta de autocontrole dos pais e pode ser considerado um caso de agressão física (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004).

Skinner (1953/1976), já na década de 1950, mostrava-se contrário ao uso da punição corporal para ensinar comportamentos adequados. Apesar de a punição corporal produzir efeito imediato que mantém a utilização desta prática educativa, há efeitos nocivos, tais como emoções de raiva e medo e comportamentos de esquiva diante da pessoa que pune (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004, p. 228).

Outro fator agravante é com a disponibilidade da ferramenta, como o celular ou computador, pois nem todos têm acesso e domínio, e quando têm um aparelho, este é para ser compartilhado com os outros membros da casa. Uma mãe, certa vez, afirmou: “Enquanto um faz a atividade, o outro fica aguardando a vez. Isso atrapalha o rendimento [acadêmico] do meu filho e isso me aborrece porque tomam muito meu tempo e atraso meus afazeres”.

Benedito e Castro Filho (2020) alertam que, apesar de o ensino remoto ter sido adotado pelos gestores dos Estados brasileiros como uma medida para amenizar e até mesmo solucionar os problemas na área educacional trazidos pela pandemia, é necessário considerarmos que a utilização de tecnologias digitais na área educacional ainda não é uma realidade na maior parte do Brasil, principalmente nas regiões menos desenvolvidas. Dentro dessa realidade, é comum estudantes dividindo celulares com seus familiares (BENEDITO; CASTRO FILHO, 2020; PERES, 2020). (BARROS; VIEIRA, 2021, p. 836).

Sabe-se que essas habilidades requerem conhecimento e prática, e entendemos que muitas mães não tiveram formação acadêmica na área pedagógica, portanto não sabem como fazer ou buscar alternativas. No entanto, essa situação pode estar contribuindo para o nervosismo da mãe. Sendo assim, o cuidado com a harmonia na relação entre família e escola deve partir da própria escola, porque a maioria dos pais têm pouco conhecimento e até mesmo nenhum conhecimento das características do desenvolvimento cognitivo, psíquico e motor da criança e muito menos como acontece a aprendizagem, por isso fica tão difícil participar da vida escolar dos filhos. Entendemos que a escola deve firmar parcerias com as famílias, levando em consideração suas necessidades.

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso (KENSKI, 2004, p. 67).

Miranda, Lima, Oliveira e Telles (2020) observam que durante o isolamento social enfrentado no período da pandemia de COVID-19,

os familiares estão confinados dentro de casa causando, por muitas vezes, estresse e até violência física e/ou psicológica. Os pais encontram várias dificuldades para ensinar as atividades escolares, o que é dificultado pelo grau de escolaridade familiar, principalmente, os pais de estudantes da rede pública (ALVES, 2020, p. 5).

4

Compreende-se que as situações vivenciadas nesse período de pandemia, vêm interferindo na relação familiar, que possivelmente seja em decorrência do nível de escolaridade dos pais, por não se disporem de habilidades específicas em lidar com situações dessa natureza, e muitas vezes por ausência de diálogo entre os filhos. Acredita-se que a prática do diálogo seja um referencial para construir vínculos afetivos estabelecendo as HSE, necessárias na formação dos filhos.

Silva (2000) afirma que a HSE [Habilidade Social Educativa] dialogar com os filhos é muito importante no contexto educativo, pois refere-se ao repertório inicial para o desenvolvimento de todas as demais

HSE, tais como fazer perguntas, expressar sentimentos, expressar opiniões e estabelecer limites. Estas HSE auxiliam os pais a transmitir padrões, valores e normas de comportamento da cultura para os filhos, o que, segundo Biasoli-Alves (1994), faz parte do papel da família, enquanto primeiro ambiente socializador da criança (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002, p. 229).

As mães acrescentam em seus discursos haver uma falta de domínio com o filho, em não obedecer às regras, onde eles muitas vezes mentem para elas e para a professora com o intuito de fugir de suas responsabilidades, que é estudar. Notamos em nossa atuação na escola, ao longo de 2020, que, muitas vezes, para a mãe, a criança diz que já fez as atividades, mas para a professora diz que não sabe onde guardou essas atividades.

Há muitos fatores que influenciam no comportamento, e que provavelmente possam estar contribuindo para tais dificuldades das mães, questões dessa natureza já se tornaram corriqueiras, por muitas famílias terem que assumir essa nova função pedagógica além de já se responsabilizarem por outras funções.

Há mães que demonstram irritabilidade quando são procuradas pela escola. Certa vez, uma mãe desabafou: “Não aguento mais viver pelejando com o [nome da criança]! Ele não quer nada!”. E quando nós professoras ou coordenação tentamos entrar em contato para saber como estão indo, por conta de a criança continuar com desempenho escolar abaixo da média, esquivam-se em nos receber, não atendem o celular.

Também destaco outro relato de uma mãe que apresenta reação de impaciência em acompanhar seu filho durante as atividades escolares. Ela tem nível de escolaridade médio completo, mãe de 2 filhos, um de 11 anos e outro de 8. E ao acompanhar nas atividades, ela se estressa com frequência. A mãe disse-me em uma reunião dos pais virtual: “*O que me dá mais trabalho é o de oito anos, é o que mais pede atenção. Pois ajuda, mas ele não tem iniciativa de fazer as atividades sem que eu esteja por perto cobrando. Geralmente, no horário de aulas pela manhã, acorda indisposto, acompanha as aulas através de chamada de vídeo, orientado pela professora, que indica qual a página vai estudar. Não demora muito, ele esquece tudo que a professora orientou, fica vagando na sala [de casa], esperando eu concluir meus afazeres para ajudar ele.*” Esta mãe também contou que o filho acaba saindo da frente do celular, ou seja, da aula e se distrai vendo desenhos na TV. Então ela diz se irritar com as fugas dele e se aborrece ao ponto de agir com violência, tentando fazer ele prestar atenção na aula. Disse que um dia, chegou até a jogar o celular no chão por raiva. “*Tento ser mais compreensiva, mas às vezes não consigo, pois ele não me obedece.*” Assim, a mãe tenta justificar-se do uso de seu comportamento punitivo. “*Não entendo o meu comportamento, faço isso por entender que deveria partir dele o compromisso de dar continuidade das orientações da professora. Ai me arrependo por não ter paciência com ele, mas logo procuro esquecer, até porque me ocupo com outras coisas.*”

Destacamos esse relato por ser um relato muito comum, que ouvimos de muitas outras mães. E isso pode sugerir que é algo natural e correto, todavia esse tipo de prática precisa ser repensado, pois, segundo afirmam Weber, Viezzer e Brandenburg (2004) a punição corporal é uma forma de opressão e de coerção da criança, sendo injustificável do ponto de vista ético, moral, social, psicológico e científico, porque perpetua um círculo vicioso em que o agredido pode se tornar um agressor. As autoras citam um dado alarmante: “Em uma recente meta-análise que examinou 88 estudos, Gershoff (2002) estudou comportamentos positivos e negativos associados à punição corporal na infância e encontrou forte associação entre punição corporal e agressão infantil e comportamento antissocial” (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004, p. 235). Isso porque ao sofrer tais agressões, a criança aprende esse tipo de tratamento como um modelo de como agir em situações semelhantes, sendo um processo de aprendizagem denominado de modelação comportamental, possibilitado pela capacidade humana de aprendizagem via imitação.

### 3 A IMPOSIÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O contexto epidêmico nos impôs a reinventar novas práticas educativas, mesmo os protagonistas, professores, pais e alunos não estando preparados para lidar com os desafios das ferramentas tecnológicas, foi possível criar possibilidades e adentrar numa nova era. E, nos questionamos sobre sua função social frente aos desafios e as possibilidades,

em meio a esse contexto da pandemia que estamos vivendo.

Melo (2020), informa que apesar de não estar preparado, o fato é que os docentes foram obrigados a transformar de forma abrupta suas estratégias de ensino e não tiveram apoio dos governos para qualificá-los. Dessa forma, de um momento para outro, os professores tiveram que abandonar suas práticas tradicionais habituais de ministrar aulas, como o quadro de giz ou pincel ou o projetor de slides e passaram a se preocupar em preparar aulas utilizando outros recursos, linguagens e em menor tempo, gravar aulas, instruir famílias e interagir virtualmente com os discentes, sendo que nem eles próprios tinham domínios dos drives online e plataformas virtuais (VALENTE, et al., 2020). (BARROS; VIEIRA, 2020, pp. 838-839).

Nós professores, sempre nos preocupamos com a interface em promover a aprendizagem de forma segura e eficiente, e garantir que a família assuma uma função pedagógica, sem comprometer a sua saúde mental. Para compreender sobre o contexto, precisamos conhecer quais as habilidades que a mãe, nesse papel de educadora, precisa se envolver para fazer as atividades escolares, descobrindo e reinventando novas práticas.

Melo (2020) ressalta ainda que mesmo com todas as suas questões emocionais, os educadores têm que apoiar os estudantes, que também tem seus problemas emocionais. Considerando esta realidade, Lima (2020), realizando estudo fundamentado na teoria histórico-cultural de Vygotsky, que compreende a aprendizagem como fruto da interação do discente com o meio em que vive, afirma que a afetividade na relação educador e discente é relevante em qualquer situação de aprendizagem, sendo de extrema importância o docente buscar entender as dificuldades dos estudantes (BARROS; VIEIRA, 2020, p. 840).

Baseada na concepção sociointeracionista, o seu processo de mediação ocorrido na relação professor\aluno possibilita na promoção da aprendizagem, bem como no estabelecimento de vínculos afetivos, a capacidade de favorecer os aspectos emocionais, de modo a estreitar os laços de amizade e confiança. Sendo assim, no período de pandemia, tem aumentado as possibilidades de reinventarem novas práticas, adaptadas ao sistema virtual, acredita-se que esse processo está sendo enriquecedor tanto para aluno quanto para o professor.

Oliveira (2020) e Teixeira, et al. (2020) refletindo ainda sobre as dificuldades enfrentadas pelos docentes no período de pandemia, apontam a necessidade dos docentes se reinventarem na profissão. Teixeira, et al. (2020) descrevem que este é mais um desafio que tem surgido para os educadores, que devem aproveitar o modelo novo de ensino proposto, o remoto, para adaptarem seus recursos pedagógicos às aulas virtuais, muitas vezes sem terem capacitação para isto, e ainda garantir uma aprendizagem que possibilite uma formação emancipadora dos discentes (BARROS; VIEIRA, 2020, p. 840).

Diante dessa situação, a escola deve buscar oferecer estratégias significativas, garantindo e respeitando seus valores em assegurar a aprendizagem, havendo certo compromisso da família em procurar a escola, e levar as atividades para que sejam realizadas em casa, conforme as datas previstas.

Na escola em que atuo, por exemplo, durante esse período de pandemia e isolamento social ao longo do ano de 2020, ficou combinado que todas as terças-feiras as mães deveriam comparecer à escola, entregar as atividades já respondidas e levar novas atividades. Esse método foi uma forma que a escola encontrou para ajudar aos alunos que não disponibilizam da ferramenta tecnológica.

Considerando as reflexões no ambiente escolar pela pesquisadora, reconhecemos que, mesmo com esse apoio, a família ainda encontra muitas dificuldades com o manejo da prática pedagógica, relacionadas à desmotivação dos alunos, e em estabelecer limites para construção das habilidades sociais educativas, que muitas mães por um lado não conseguem impor limites quando necessário e por outro não conseguem acolher a dificuldade de seus filhos.

6

Peres (2020) conta que a pandemia trouxe o desafio de conviver com preocupações relacionadas à saúde física e emocional e a alteração repentina no ambiente educacional. Pretto, Bonilla e Sena (2020) apontam que em um contexto de pandemia, o problema do ensino remoto não se reduz somente ao docente, como descreve Arruda (2020), mas se estende às famílias deles, que também sofreram todas estas mudanças advindas da pandemia (BARROS; VIEIRA 2020, p. 840).

Na experiência do cotidiano, a escola busca outros recursos que venham ajudar aos alunos, que se encontram

com essa dificuldade, muito embora não sejam tão eficazes, mas a escola procura solucionar as questões relatadas pelas mães, buscando proporcionar metodologias condizentes com a realidade no enfrentamento do ensino remoto, com a redução de atividades que sejam mais simplificadas e de fácil compreensão (BARROS; VIEIRA, 2020). Vale lembrar também que os pais necessitam conciliar seu trabalho e a convivência familiar em um mesmo espaço físico, o que pode comprometer sua produtividade, e assim podem não ter condições para auxiliar seus filhos em tarefas diversificadas e encaminhadas por diferentes professores (BARROS; VIEIRA 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções identificadas pelos professores no período de pandemia da COVID-19, refletiram sérios problemas educacionais no ano de 2020, e praticamente por todo o primeiro semestre de 2021. A realidade que tivemos nesse período foi desgastante tanto para as famílias como para a escola, pois todos tiveram que se reinventar. Com relação ao aspecto pedagógico, esse sofreu um prejuízo irreparável, assim como também as famílias em sua rotina.

Vale salientar que o presente estudo demonstra uma realidade das famílias com as dificuldades impostas, mas acreditamos se tornar possível conciliar seus trabalhos com as atividades escolares desde que a escola as adapte adequadamente, ou seja, atividades adaptadas, mais simples, possivelmente facilitariam as mães a acompanharem seus filhos com as atividades escolares, e conciliar seus afazeres e saberes educativos, nesse período da pandemia COVID-19, sem talvez comprometer os fatores emocionais.

Este estudo vem nos proporcionar uma reflexão acerca do processo ensino aprendizagem no período da pandemia COVID-19, e nós professores da rede municipal de uma cidade do interior do estado do Ceará, identificamos um déficit na aprendizagem de nossos alunos. E nos sentimos impotentes quanto a esta realidade, pois todos os objetivos almejados foram reduzidos pela ineficiência de um trabalho imposto por uma realidade epidêmica na qual estamos passando. Nesse sentido, buscamos proporcionar estratégias que viessem somar às experiências de práticas educativas, em amenizar os impactos sofridos por alunos e professores, em tempos de pandemia, garantindo a qualidade do ensino aprendizagem, com a utilização de alternativas complementares para auxiliar em seus avanços.

As instituições foram prejudicadas, pais, alunos e professores tiveram que se reinventar. Nós nos deparamos com diversas tecnologias de comunicação e informação remota, plataformas online e programas de computador e de celular que antes nem sabíamos que seria possível adentrar no universo de forma virtual. Sendo uma experiência inusitada, que mostrou o quão a importância do avanço tecnológico modifica a vida das pessoas. Reconhecemos que todo conhecimento criativo se dá pela necessidade. Antes, o dilema da sala de aula era proibir que o aluno utilizasse o celular no momento da aula; hoje, ironicamente, nosso desafio é estimular o aluno a usar o celular para acompanhar as aulas remotas. É uma experiência que revolucionou as práticas educativas, desde as mais básicas até as mais complexas, como no Ensino Superior.

Outro aspecto identificado é em relação à carga horária do professor, ultrapassando os limites, pois não havia horas reservadas ao seu descanso, a qualquer momento do dia havia alunos ligando ou enviando mensagens de texto para tirar as dúvidas, ou por dificuldades na compreensão ou porque no momento das aulas não estavam prestando atenção.

No ano de 2020, os desafios enfrentados eram relacionados com a implantação das tecnologias e garantir a sua acessibilidade, ocorrendo assim muitas dificuldades com a modalidade de ensino, por mães, professores e alunos. Neste ano de 2021, as dificuldades se perpetuam, porém com outros agravantes, a desmotivação por parte de todos. Pouca participação dos alunos, muitos demonstram-se exaustos, sem perspectivas da certeza de quando irão voltar às aulas presenciais.

7

Considerando que essa situação é desafiadora tanto para as famílias como para a escola, compreende-se que são reflexões relevantes para a educação, e que essa interação é constituída numa relação compartilhada entre pais, alunos e professores, onde todos estão aprendendo juntos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.
- BARROS, F. C.; VIEIRA, D. A. P. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 826-849, jan. 2021.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, ago. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 abr. 2021.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, July 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 abr. 2021.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 4. ed. Campinas: Editora Papirus, 2004.
- MIRANDA, Kacia Kyssy C. de Oliveira *et al.* **Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos**, Centro Cultural de exposições Ruth Cardoso, Maceió AL, 2020.
- ROHENKOHL, Lia Mara Inês Albertoni, Elisa Kern de Castro. Afetividade, Conflito Familiar e Problemas de Comportamento em Pré Escolares de Famílias de Baixa Renda: Visão de mães e professoras. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 32 (2), 438-451, 2012.
- TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olivia Justen. O uso de palmadas e surras como prática educativa. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 9, n. 2, p. 227-237, 2004.